

Moisés e Aarão como mediadores no enredo da crise de Cades (Números 13–14): as repetições sob a ótica da teoria literária¹

Moses and Aaron as mediators in the plot of the Kadesh crisis (Numbers 13–14): repetitions from the perspective of literary theory

Fabrizio Zandonadi Catenassi

Resumo

O objetivo deste artigo foi analisar a estrutura e o enredo da crise de Cades (Números 13–14) a partir da análise narrativa, discutindo as repetições do texto com base na teoria literária. A perícopes foi analisada como integrante de uma sequência literária de conflitos no deserto (Números 11,1–21,9). A proposta de sua estrutura partiu das cenas-tipo das campanhas de herança e dos relatos de conflito pós-Sinai, bem como da consideração das cenas a partir de um paralelismo quiástico. A análise do enredo revelou um modelo construído como uma complexa unidade ao redor da obediência e desobediência a Yhwh, mesmo sendo uma perícopes compósita, legitimando as instâncias de mediação junto ao povo: Moisés e Aarão. A análise da repetição presente no duplo discurso de veredicto revela que a repetição ilustra a arte, sofisticação, e serve como fundamento para a unidade de um relato analisado à luz da teoria literária.

Palavras chaves: Números. Enredo. Teoria literária. Análise narrativa. Crise de Cades.

Abstract

The aim of this article was to analyze the structure and plot of the Kadesh crisis (Numbers 13–14) through narrative analysis, discussing the repetitions in the text based

¹ A pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

on literary theory. The pericope was analyzed as part of a literary sequence of conflicts in the desert (Numbers 11,1–21,9). The proposal for its structure was based on the type-scenes of inheritance campaigns and accounts of post-Sinai conflicts, as well as the consideration of the scenes based on a chiasmic parallelism. The analysis of the plot revealed a model constructed as a complex unity around obedience and disobedience to Yhwh, even though being a composite pericope, legitimizing the instances of mediation with the people: Moses and Aaron. The analysis of the repetition present in the double verdict speech reveals that the repetition illustrates art, sophistication, and serves as a foundation for the unity of a story analyzed in the light of literary theory.

Keywords: Numbers. Plot. Literary theory. Narrative analysis. Kadesh crisis.

Introdução

Há poucas décadas tem se estudado seriamente os textos bíblicos em franco diálogo com a teoria e a crítica literária, de maneira particular, a partir de 1970. No Brasil, esse tipo de pesquisa já está bem instalado² e, evidentemente, a assimilação dessas ferramentas metodológicas tem ampliado significativamente o escopo de interpretação de textos sagrados. A aplicação das técnicas de análise de literatura de ficção à Bíblia – ainda que o material bíblico seja múltiplo em relação aos gêneros literários – pode complementar lacunas na interpretação de textos bíblicos causadas pela desconsideração de seus traços literários.³

Este artigo se concentra na narratologia aplicada à Bíblia, a qual se ocupa, entre outros elementos, da análise do enredo de um relato, ou seja, “o desenvolvimento da ação que parte de um estado inicial e depois, mediante tensões sucessivas, chega à sua resolução”.⁴ Marguerat e Bourquin ensinam que o enredo é o coração da narrativa, porque determina a estrutura da história, uma vez que uma diferença fundamental entre a não narrativa e a narrativa é a relação de causa e efeito que é estabelecida pelo discurso.⁵ É justamente esse sistema consequencial de relações que confere a identidade narrativa de um texto e nos permite conhecer a retórica narrativa nele adotada. As miríades de narrativas são estruturadas de maneiras múltiplas na história da

² Leonel constata que a pesquisa da Bíblia em interface com a literatura, seja explorando seus aspectos literários, construindo um diálogo com a literatura ou analisando suas recepções, é uma realidade no país (LEONEL, J., *Bíblia, literatura e recepção*, p. 13).

³ CANTARELLA, A. G., *Bíblia e linguagem*, p. 139.

⁴ ALETTI, J. N. et al., *Vocabulário razonado de la exégesis bíblica: los términos, las aproximaciones, los autores*. Estella: Verbo Divino, 2007, p. 85, tradução minha.

⁵ MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y., *Para ler as narrativas bíblicas*, p. 55.

humanidade, com inúmeras possibilidades de organização interna.⁶ Sendo assim, a análise do arranjo estrutural e da construção do enredo nos textos bíblicos é um trabalho minucioso e complexo, especialmente em se tratando de textos compósitos.

Esse é o caso particular do relato da exploração de Canaã, a crise em Cades e a tentativa frustrada de tomada da terra presente em Números 13–14. Como indicaremos adiante, o texto é um amálgama de tradições produzidas e organizadas em uma extensão temporal significativa, sendo um modelo para a depuração de fontes no método histórico-crítico. O estudo da perícope a partir da teoria literária implica uma análise atenta das estratégias do movimento escribal pós-exílico utilizadas para conferir unidade ao texto e tecer relações de diferentes naturezas entre suas unidades narrativas.

No final da década de 80 e início de 90, o rabino Jacob Milgrom, bastante sensível às estratégias literárias judaicas, buscou propor uma estrutura concêntrica utilizada para Nm 13–14,⁷ ainda com grandes lacunas estruturais, levantadas por Catenassi.⁸ Por esse motivo, considerando o avanço dos estudos de teoria e crítica literária aplicados ao Pentateuco, justifica-se revisitar a análise da estrutura e do enredo de Nm 13–14, o que configura o objetivo deste artigo. Sigo particularmente a proposta de análise de Marguerat e Bourquin e a de Jean-Louis Ska,⁹ ainda que estabeleça um diálogo mais amplo com autores específicos da teoria literária fora do âmbito bíblico.

1. A harmonia em um texto compósito: da crítica da redação à teoria literária

O texto de Nm 13–14 é certamente compósito. Já em 1866, Kuenen ressaltou o evidente doublete formado por dois discursos de Deus (14,20-25; 26-38), assumindo que a repetição era uma clara ruptura que justificava o reconhecimento de ao menos duas fontes no relato.¹⁰ Ao assentar as bases do método histórico-crítico, J. Wellhausen tomou Nm 13–14 como um modelo da fusão de diferentes fontes, depurando as fontes JE e P detalhadamente,¹¹ o que foi seguido em grandes partes pela pesquisa subsequente. Recentemente, Catenassi, Artuso e Rossi¹² buscaram reconstruir a evolução do texto iniciado como uma lenda da conquista de Hebron por Caleb, remodelada no tempo de Josias como um relato negativo de desobediência à luz de Js 7,2-5 e 18,3-10; no exílio, a escola deuteronomista interpretou esse texto como parte de

⁶ FUNK, R. W., *The poetics of biblical narrative*, p. 60.

⁷ MILGROM, J., *The structures of Numbers*, p. 49-62; *Numbers*, p. 387-390.

⁸ CATENASSI, F. Z., *Análise narrativa da transgressão em Cades (Números 13–14)*, p. 142-144.

⁹ MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y., *Para ler as narrativas bíblicas*, p. 55-74; SKA, J. L., “Nuestros padres nos contaron”, p. 20-39.

¹⁰ KUENEN, A., *Histoire critique*, p. 162.

¹¹ WELLHAUSEN, J., *Die Composition des Hexateuchs*, p. 101-102 e 338-340.

¹² CATENASSI, F. Z.; ARTUSO, V.; ROSSI, L. A. S., *A composição do relato da crise de Cades*, p. 175-202.

uma introdução à história de Israel (Dt 1,19-45*); no pós-exílio, a corrente sacerdotal também releu a antiga tradição da época monárquica.

O advento dos estudos literários aplicados à Bíblia trouxe à tona a inegável necessidade de explorar as estratégias utilizadas no complexo processo de elaboração final de um texto compósito como o relato da crise de Cades. O esforço por compreender a unidade e a complexidade de um texto bíblico é justificado por um cuidado do exegeta de, ao considerar a Bíblia como literatura, não aplicar artificialmente modelos literários modernos a uma narrativa antiga. Essa discussão não é óbvia como talvez possa parecer.

Por mais de um século, o método histórico-crítico propunha uma crítica da redação realizada a partir do reconhecimento das rupturas e incongruências do texto como princípio para identificar nele diferentes fontes. Todorov¹³ demonstrou como esse tipo de análise foi a prática comum de críticos literários ao partirem de uma estética própria ao comentar narrativas antigas, tomando como referência leis contemporâneas (verossimilhança, unidade dos estilos, prioridade do sério, não contradição, não repetição etc.) para identificar inserções e interpolações em um texto. Esse processo certamente foi aplicado também aos estudos bíblicos dos dois últimos séculos.

A análise literária da Bíblia também contribui ao considerar que o texto é compósito, uma montagem documentária intencional, que foi organizada no formato de uma unidade. Essa é a proposta de Rosenberg¹⁴ ao discutir a leitura literária da Torá, defendendo-a como um midrash, no sentido de ser uma coleção de citações oriundas da tradição oral e escrita, ainda que o nome das fontes originais tenha sido omitido. Essa abordagem é particularmente importante para Nm 13-14, o qual, entendido como um produto do segundo período persa que funde, modifica e interpreta uma série de tradições bastante antigas, configura um bom modelo precursor da literatura midráshica judaica.¹⁵

Esse tipo de análise não implica negar as rupturas presentes em um texto como uma dificuldade de harmonização do redator final. Ao mesmo tempo, considera que um texto compósito é fruto de um trabalho escribal minucioso feito no processo de redação final do Pentateuco, que coloca diferentes tradições lado a lado – em alguns casos, tão interpoladas que não conseguimos depurá-las – para produzir um efeito pragmático no leitor. Essa abordagem é levantada por Robert Alter em suas discussões sobre o caráter literário da Bíblia, o qual indica que “ainda não podemos compreender amplamente o que teria sido percebido como uma verdadeira contradição por um escritor hebreu inteligente do início da Idade do Ferro”. O autor aponta para a existência de uma lógica

¹³ TODOROV, T., *Poética da Prosa*, p. 79.

¹⁴ ROSENBERG, J., *Meanings, morals, and mysteries*, 84-85

¹⁵ CATENASSI, F.; ARTUSO, V., ROSSI, L. A. S., *A composição do relato da crise de Cades*, p. 201.

desconhecida a nós que era familiar à audiência original, que fazia com que as supostas rupturas hoje encontradas não fossem motivo de perturbação aos leitores de então.

Analisando as contradições internas da rebelião de Coré, Datã e Abirã em Nm 16, Alter reconhece a arte compósita do texto, indicando que a compilação de diferentes fontes mantendo claras rupturas parece proposital, feita para levar o leitor a confundir a história e os modos de destruição de Coré, de um lado, e de Datã e Abirã, de outro. Para Alter, o escritor hebreu provavelmente organizou intencionalmente as duas rebeliões misturadas para modelar uma rebelião arquetípica contra a autoridade divina, seguindo o princípio de que explorar as razões políticas poderosas presentes no texto colocava em segundo plano critérios precisos de coerência narrativa.¹⁶

2. A sequência narrativa dos conflitos no deserto (Números 11,1–21,9)

Os capítulos 1–10 do livro de Números apresentam a primeira etapa dos israelitas depois da aliança no Sinai, a marcha rumo à terra prometida, mas, antes, fazem uma grande organização da assembleia, valorizando aspectos de santidade: diversas leis diversas combatendo a impureza (5,1-31) e valorizando a pureza (6,1-21); a bênção aarônica se estende sobre todo o povo (6,22-27); uma analepse ilustra as contribuições dos chefes dos israelitas e dos levitas para o santuário (7,1–8,25); a páscoa é celebrada, valorizando a obediência do povo e a direção divina (9–10). A celebração da Páscoa e a presença da coluna de fogo ajudam a descrever a partida com notas exodais (9,1-2.16; 13,21-22).

Quando a nuvem se ergueu de cima do Tabernáculo, o povo partiu (Nm 10,11). O madianita Hobab foi escolhido como guia, uma vez que conhecia bem o deserto (Nm 10,29-32), escutando de Moisés que “Yhwh prometeu coisas boas a Israel” (v. 29) e que ele fará coisas boas ao seu povo (v. 32). O toque de trombetas dá o tom de uma triunfante e gloriosa jornada (10,1-10). No êxodo, diante do terror dos hebreus perseguidos, Moisés garante a libertação proclamando a ação poderosa de Deus contra os egípcios (Ex 14,13-14). Em Números, a marcha se inicia com um canto litúrgico-militar que também proclama a força vitoriosa de Yhwh e, mas antecipa a existência de dificuldades e inimigos: “Levanta-se, Yhwh, e sejam dispersos os teus inimigos e fujam diante de ti os que te aborrecem!” (Nm 10,35).

O cenário armado pelos dez primeiros capítulos é animador e o sucesso parece garantido por Yhwh. Contudo, o tom positivo é radicalmente alterado com conflitos, murmurações e rebeliões que mostram a fragilidade humana que está presente nessa congregação santa e a necessidade de Moisés como mediador (Nm 11,1–21,9). Essas características em comum configuram a seção como uma *sequência narrativa*,

¹⁶ ALTER, R., A arte da narrativa bíblica, p. 204.

construída a partir de indícios de continuidade deixados pelo autor para aprofundar o nível pragmático do texto:¹⁷ os relatos são todos conectados por um personagem (Moisés), por temas (a estância no deserto, o caminho rumo à terra prometida, os conflitos e murmurações junto às intervenções divinas) e por um vocabulário específico (por exemplo, o verbo **רָגַז**, que aparece somente nas murmurações). Nm 11,1-3 apresenta um brevíssimo relato de conflito do povo em forma etiológica, que se queixa (descrita em Nm 11,1 com a forma hithpolel **כָּמָחִי אֲנִי**, “estavam se queixando”, indicando uma ação continuada¹⁸) e é punido com um fogo que cai do céu e extingue somente uma margem do acampamento, indicando uma rebelião não generalizada.

Desse modo, a nova sequência narrativa dos conflitos frustra a expectativa do leitor de um deslocamento triunfal do Sinai. Para Olson, esse salto de obediência fiel à desintegração das relações é notável e somente acontece no Pentateuco em duas ocasiões: entre Gn 2 e 3 e no episódio do bezerro de ouro (Ex 32–34) que segue a aliança no Sinai (Ex 19–31).¹⁹ No livro do Êxodo, as murmurações acontecem após a saída do mar. Agora, a cadeia de episódios de conflito e castigo acontece antes da triunfal tomada da terra. Israel é novamente colocado em prova como um teste de sua obediência, condição essencial para entrar em Canaã.

A mudança preparada pelo pequeno relato etiológico de Nm 11,1-3 é aprofundada pelo relato episódico e etiológico explicando a origem do lugar chamado Qibrot Hatta'awah, o “sepulcro do desejo”, envolvendo o maná e as codornizes. As duas etiologias talvez mostrem que o caminho construído no deserto perpetua na história as crises e conflitos. Nm 11,4-35 se trata de uma recontagem do conflito presente no Êxodo, mas formando seu contraponto: a doação do alimento em Ex 16 mostra a ação graciosa de Deus em favor dos israelitas que reclamam de fome; a versão de Números não trata da falta de comida, mas da variedade dela: o povo se queixa porque estão cansados do maná – a rejeição desse dom de Deus ilustra os temas mais densos dos conflitos em Números. Além do mais, a rebeldia nasce de um grupo específico no meio do povo (os **רָגַזִּים**) que deseja desmedidamente carne, mas coloca em questão também a liderança de Moisés, pois a questão não é se encontrarão carne, mas “quem nos fará comer carne?”²⁰ bem representado com o uso do verbo no hifil com sentido causativo (**אֲכַלֶּנּוּ**, Nm 11,4). O maná é referido de forma pejorativa: (“Agora, nossa vida está seca, não há nada a nossos olhos exceto o maná”, Nm 11,6).

Estão cansados do alimento dado por Deus, criticam os cabeças do povo e manifestam o desejo de abandonar o projeto de chegar a Canaã. Em última instância, não

¹⁷ ALETTI, J. N. et al., Vocabulário razonado de la exégesis bíblica, p. 89; MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y., Para ler as narrativas bíblicas, p. 46-47.

¹⁸ ARTUSO, V.; TEIXEIRA, R. D., Taberá, p. 184.

¹⁹ OLSON, D. T., Numbers, p. 60.

²⁰ CATENASSI, F. Z., Reclamando “de barriga cheia”, p. 16.

necessitam de alimento, mas de reconhecer suas reais necessidades na caminhada do deserto. De fato, a libertação divina vem em forma de novos líderes, animados com o espírito de Moisés (Nm 11,24-30) e também uma doação paradigmática de carne, que, comida com o desejo desmedido, funciona como castigo e não libertação (Nm 11,31-33).

Nm 12 mostra a rebelião de Miriam e Aarão, feita contra Moisés, porque havia se casado com uma mulher estrangeira. É um conflito de autoridade, já que a questão levantada é se Deus somente fala por meio de Moisés (12,2). Chama a atenção o discurso de defesa de Moisés feito por Yhwh antes do castigo, no qual legitima sua autoridade e sua posição especial a partir a relação que estabelecem entre eles (12,6-8). O leitor pode imaginar que as indicações de que Deus está no meio do povo e escutando suas necessidades (codornizes), especialmente por meio de Moisés (rebelião de Miriam e Aarão), garantem que nenhum outro conflito seria bem-sucedido.

Então, ainda no deserto, a narrativa indica que o povo sai de Haserot e de Farã. Ali, Moisés envia os exploradores para Canaã (Nm 13,1) e acontece um conflito de grande extensão em Cades (Nm 14,1-19). A narrativa é finalizada com um discurso duplo de Deus e a punição dos culposos (Nm 14,20-38). Um pequeno relato que reflete a tentativa frustrada de entrar em Canaã funciona como um apêndice trágico ao texto (Nm 14,39-45). O texto subsequente (Nm 15) é estritamente legal. Deus apresenta a Moisés os sacrifícios que devem ser feitos quando o povo tomar a terra referentes às ofertas (15,1-21) e aos pecados feitos sem conhecimento (15,22-36). Há também uma pequena notação sobre os cantos das vestes, que devem lembrar os mandamentos de Deus (15,37-41).

Até o capítulo 21, são acrescentados outros relatos de murmuração e conflito: uma rebelião de Datã e Abirã contra a autoridade de Moisés e outra conjugada de Coré contra Aarão, reforçando a autoridade do sacerdócio aaronita (Nm 16–17); a crise nas águas de Meriba, ocasião em que se reforça a condenação de Moisés e Aarão, impedidos de entrar na terra prometida por sua falta de fé (Nm 20,1-13); finalmente, a sequência narrativa é completada com a última murmuração do livro de Números, punida severamente com morte por picada de serpentes (Nm 21,4-9).

3. Delimitação

O final do capítulo 12 apresenta o desfecho do conflito contra Moisés feito por sua própria família, Aarão e Miriam. O narrador aponta que todo o povo esperou a segregação de Miriam, castigada com lepra, fora do acampamento, como havia sido ordenado por Yhwh (Nm 12,15). O verso final do capítulo 12 apresenta uma fórmula de viagem: “Depois o povo partiu de Haserot e foi acampar no deserto de Farã” (12,16). Esse último versículo poderia ter sido considerado como o início do relato do conflito de Cades, uma vez que alguns relatos de conflito em Êxodo e Números são iniciados

pelas chamadas “fórmulas de viagem”, indicações geográficas que vão cadenciando a peregrinação do povo em marcha rumo à terra prometida (cf. Ex 16,1; 17,2; Nm 20,1; 21,4). Contudo, nas narrativas mais extensas e de elaboração mais complexa (Ex 32–34; Nm 11,4–34; 16,1), nota-se uma moldura mais livre, com inícios variados. Além do mais, Nm 12,16 também se conecta bem com o v. 15, uma vez que o deslocamento de Haserot ao deserto de Farã é mostrado como acontecendo depois dos dias de segregação de Maria (... וַיִּחַר נִסְעוּ הָעָם..., 12,16). De qualquer modo, pode ser um versículo de transição que conecta Nm 13–14 ao conflito antecedente e, por extensão, a toda a sequência narrativa.

Em Nm 13,1, entram elementos dramáticos caracterizando a construção de um novo relato. À mudança de lugar de 12,16, segue-se uma ordem de Deus, que indica uma nova sequência de ação, uma vez que ordena a Moisés que envie exploradores para a terra de Canaã (13,1-2). Consequentemente, aparecem os chefes do povo como novos personagens em cena, como resposta ao mandato divino (13,3). São dois critérios de mudança: da ação narrativa e do marco da cena.

Alguns autores preferiram uma delimitação mais curta do relato, separando os capítulos 13 e 14.²¹ Tal opção não parece a mais adequada. O diálogo entre Yhwh e Moisés sobre a investigação da terra e viabilidade de sua conquista perpassa os caps. 13–14, constituindo a ação dramática principal, que recebe conflitos envolvendo outros personagens (os dez exploradores com um relatório negativo, Caleb, Josué, Aarão e o povo). O envio dos exploradores a Canaã abre uma questão que só será respondida no final do cap. 14: os israelitas serão capazes de conquistar a terra que está diante deles? O relato passa pela murmuração e rebelião do povo, intervenção e castigo divino e só encontra sua conclusão dramática ao final da tentativa de conquista, fracassada. Nessa ótica, a conclusão do relato aparece com a destruição geral do povo feita pelos amalecitas e pelos cananeus: (“e os feriram, fazendo-os em pedaços até Horma”, 14,45). O interior do relato traz indicadores estilísticos que permitem dividi-lo em cenas (especialmente mudança de personagens e de tempo), mas que não configuram uma resolução total do enredo antes de Nm 14,45, como será indicado adiante.

Em 15,1, o narrador devolve o discurso para Deus, que retoma o diálogo com Moisés: “E disse Yhwh a Moisés” e em Nm 15,2 abre-se uma condicional (אֶל-אָרֶיךָ) que menciona a tomada de Canaã no futuro e inicia uma série de proposições rituais a serem feitas na terra. Assim, do texto narrativo, passa-se ao discurso legal, desvinculado do tema da exploração da terra e da viabilidade de sua

²¹ É o caso de Budd, que separa o “Reconhecimento da terra” (13,1-33) da “Rejeição da terra e derrota em Horma” (14,1-45) (BUDD, P. J., Numbers, p. 140-148).

conquista imediata, o que indica o início de uma nova períclope a partir de um marco dramático e estilístico.

4. Estrutura de Números 13–14

Em estudo anterior, realizei uma detalhada análise do liame causal do relato influenciada pelo conceito de proposição narrativa de Todorov,²² definindo as unidades narrativas mínimas constituídas pelos actantes e predicados.²³ Também analisei detidamente como há um arranjo estrutural que segue convenções literárias correntes para as murmurações pós-Sinai e para episódios de relatos de conquista na História Deuteronomista (Dtr), configurando cenas-tipo²⁴ específicas. O início de Nm 13 segue padrões típicos de uma campanha de herança típica da Dtr:²⁵ (1) Associação direta com Moisés ou seus descendentes; (2) Envio de espiões selecionados dentre os notáveis tribais e uma reunião de inteligência anterior à campanha militar; (3) O relatório dos espiões e a atitude – entusiasta ou pessimista; (4) A má compreensão do povo em reação ao relatório dos espiões. Isso favorece a visão positiva esperada pelo leitor ao acompanhar Nm 1–10, e a substituição dos elementos de conquista por um modelo típico de crise demonstra a fineza literária do redator final. O uso de cenas-tipo é “um meio de ligar esse episódio a um padrão de significado histórico e teológico maior”²⁶ e a combinação de um modelo característico de sucesso com um de fracasso articula uma mudança impactante na leitura.

O capítulo 14 é estruturado com base nas murmurações pós-Sinai, que têm tradicionalmente os seguintes elementos característicos:²⁷ (1) Necessidade e queixa do povo; (2) Reação e castigo de Yhwh; (3) Arrependimento e súplica a Moisés; (4) Intercessão de Moisés a Deus; (5) Eficácia da Intercessão. Nm 14,1-38 apresenta um conflito unitário, que contém todas as etapas descritas acima, exceto uma: o arrependimento do povo e súplica a Moisés. Nesse caso, o redator final do texto opta por suprimir um dos elementos, com finalidade teológica: reforçando

²² TODOROV, T., *Poética da Prosa*, p. 149-164.

²³ CATENASSI, F. Z., *Análise narrativa da transgressão em Cades*, p. 125-144.

²⁴ ALTER, R., *A arte da narrativa bíblica*, p. 84. Segundo Ska, “os especialistas em Homero chamaram de ‘cenas tipo’ as convenções literárias utilizadas regularmente por Homero para descrever situações idênticas. A noção foi proposta pela primeira vez por W. Arend, *Die typischen Szenen bel Homer* (Berlin, 1933)” (SKA, J. L., “Nuestros padres nos contaron”, p. 37, tradução minha).

²⁵ MALAMAT, A., *The Danite migration and the pan-Israelite Exodus-Conquest*, p. 1.

²⁶ ALTER, R., *A arte da narrativa bíblica*, p. 97.

²⁷ LÓPEZ, F. G., *O pentateuco*, p. 215.

a culpabilidade do povo, pode justificar o castigo mais severo de todos os episódios de murmuração.

A partir dessa visão geral e específica do texto, emerge um panorama estrutural que ajuda a explicar a retórica narrativa do texto a partir de uma arquitetura quiástica, elaborada a partir dos temas que demarcam o enredo:

- A. Envio dos exploradores à terra e retorno controverso (13,1-33)
 - B. Resposta do povo (14,1-10a)
 - B'. Resposta de Deus (14,10b-38)
- A'. O povo vai à terra (14,39-45)

A abertura do texto (**A**) é ampla, abrangendo todo o capítulo 33, mostrando como Deus, por meio de Moisés, envia os exploradores à terra e a forma com que seu retorno gera uma expectativa de reação popular. Trata-se de um primeiro conflito, que funciona como um enredo preparatório para o conflito central do texto. Estabelecendo uma relação de causa-consequência, narra-se a resposta do povo ao relatório dos exploradores (que, no retorno, dividem-se entre os difamadores e Caleb (**B**)). A consequente resposta de Deus (**B'**) é colocada como um paralelismo antitético à reação do povo, que havia murmurado e se rebelado contra Moisés, Aarão, Josué e Caleb (**B x B'**): enquanto a primeira defende o projeto de retorno ao Egito e de morte dos líderes do povo, a resposta de Deus sustenta a promessa de tomada da terra, garantindo a vida aos israelitas, à sua descendência. Finalmente, narra-se uma nova empreitada à terra, novamente uma inclusão contraposta (**A x A'**), uma vez que ela é feita, então, sem o envio de Deus. Do contrário, Moisés, seu porta-voz oficial, condena a partida do povo como desobediência (14,42).

5. Análise do enredo de Números 13–14

A grande sequência narrativa dos conflitos no deserto apresenta-se como um enredo unificado, uma vez que os relatos são todos conectados por um personagem, por temas e por um vocabulário específico. Já desenvolvemos como a narrativa de Nm 13–14 é construída à luz de dois padrões literários, que aparecem de maneira bem definida: Nm 13 segue a cena-tipo dos “relatos de conquista” e Nm 14, a cena-tipo das “murmurações pós-Sinai”. Estudadas as grandes relações emergidas da estrutura do texto, cabe agora um exame detalhado da organização interna das unidades narrativas. De que forma esses dois capítulos são construídos como uma unidade? Quais níveis de relação são

estabelecidos entre suas diferentes cenas? Passemos a analisar o enredo para iluminar essas questões.²⁸

5.1. Desencadeamento da ação e exposição diferida: a iniciativa divina do envio dos exploradores e a mediação de Moisés (13,1-20)

O *incipit* do texto de Nm 13–14 traz o narrador apresentando a fala de Yhwh a Moisés ordenando que exploradores sejam escolhidos e partam para a terra em missão de reconhecimento (13,1a). Não há nesse princípio fatos habituais ou respostas preparatórias para questões como “quando?”, “onde?”, “por quê?”. Condie pensa que toda a seção presente em 13,1-24 deve ser caracterizada como uma grande orientação ao texto.²⁹ Apesar de o autor não usar a terminologia clássica da narratologia, parece que aproxima a “orientação” do que se conhece como “exposição”. Eis uma questão difícil de responder: Nm 13–14 é, de fato, iniciado por uma exposição do relato?

É preciso partir de critérios formais para a definição de uma exposição – cuja delimitação é geralmente uma tarefa difícil para o exegeta. Para Ska,³⁰ uma exposição de um relato tem duas características principais: (a) a apresentação de informações indispensáveis sobre o estado dos fatos e (b) que precedem o começo da ação. Quanto à primeira, chama a atenção que nosso relato não se inicia com um marco geográfico ou temporal. Contudo, o leitor do livro de Números está a par desses indicativos desde o início da sequência narrativa, já que o versículo de transição em Nm 12,16 já ofereceu um indicativo geográfico: “Depois o povo partiu de Haserot e foi acampar no deserto de Farã” (12,16), localizando os israelitas próximos da terra prometida, chegando pelo Sul. Quanto aos personagens, Maria, que havia protagonizado a rebelião anterior, é retirada de cena. São colocados no palco da narrativa somente Moisés e Yhwh que não necessitam de apresentação, já que são protagonistas dos eventos desde o livro do Êxodo. Como opção estilística, o texto não constrói uma *atmosfera*, considerando que o leitor se apropria dos marcos narrativos já apresentados. É importante questionar que efeito isso gera no leitor, o que será feito em breve.

Cabe então, investigar no texto quando começa o *desencadeamento da ação*, ou seja, a primeira cena que constrói curiosidade no leitor³¹ e dá início ao desenvolvimento do enredo. Em 13,1, os acontecimentos começam pareando o tempo de contar com o tempo contado, caracterizando uma narração cênica logo no princípio. Não há um cenário abstrato, em que o tempo de contar se desenrola enquanto o tempo contado

²⁸ Sigo a base do modelo quinário proposta pelo Pe. Larivaille, que apurou o modelo da análise do *mythos* aristotélico (MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y., Para ler as narrativas bíblicas, p. 58-59).

²⁹ CONDIE, K., Narrative features of Numbers 13–14, p. 126.

³⁰ SKA, J. L., “Nuestros padres nos contaron”, p. 23-24.

³¹ Utilizo como critérios os elementos-chave de M. Sternberg (The poetics of Biblical narrative, p. 23-29).

permanece difuso (um *ad infinitum* estático ou cíclico). No primeiro verso, a sequência narrativa indica ação principal com um *wayyiqtol* (וַיַּדְבִּיר, 13,1), seguido do imperfeito preposicionado לְאַמֵּר (13,1), que introduz o discurso direto. O mesmo acontece em 13,2, no discurso divino, que inicia com um imperativo com sufixo (שְׁלַח-לְךָ), seguido de um *wayyiqtol* (וַיַּתְּרֵי, 13,2) e o partícipio נָתַן (13,2).

Assim como no início do ciclo de Abraão (Gn 12,1), o princípio da história dos exploradores é lacônico e a ação principal já é desencadeada no princípio da narrativa, que é singulativa: a exploração de Canaã deve ser iniciada. Para o narratário primeiro do livro de Números, que está familiarizado com as cenas-tipo dos relatos de conquista, o início é triunfal: a ordem de tomada da terra é dada por Deus, que garante a posse, já que ele mesmo está dando (נָתַן, 13,2) a terra aos israelitas. Esse partícipio pode ser entendido como “estou prestes a dar”, o que indica a iminente tomada da terra, reforçada pela linguagem militar (confirmada pelo início semelhante ao gênero da “guerra de Yhwh”) e pelo longo prelúdio que introduz a sequência narrativa das murmurações, preparando o leitor para uma tomada litúrgico-militar da terra nos dez capítulos que a antecedem. O início do livro com um recenseamento é fundamental: o leitor sabe que a comunidade foi enumerada com um fim militar específico, como explica o narrador: “Todos aqueles em Israel, de vinte anos para cima, hábeis para ir à guerra, tu e Aarão os registrareis segundo os seus esquadrões” (1,3-4). A nação santa reunida ao redor de Yhwh no caps. 1–10 agora transforma-se no exército de Yhwh, marchando em direção à Canaã, guiados pela nuvem.³² Quem poderia pará-lo?

A tensão do livro de Números chega em um primeiro clímax quando um esquadrão preparatório é enviado à Canaã, a partir do deserto de Farã, já que a caminhada no deserto supostamente chegou ao seu fim e a promessa da terra a Abraão está prestes a se cumprir (Nm 12,1-3). Em 13,2, uma longa oração é construída com um *yiqtol* (וַיִּשְׁלַח, 13,2), indicando detalhes para o cumprimento futuro da ordem de Deus, que não pode ser caracterizada como uma ação frequentativa ou habitual. É interessante o fato de que a narrativa principie com a iniciativa divina. Entre os relatos de conflito em Êxodo e Números, em nenhum deles a iniciativa de Yhwh dá a faísca inicial ao enredo, originando a trama. Certo suspense é construído com relação ao sucesso da própria exploração ordenada por Deus:³³ como será o contato com os habitantes da terra? O que encontrarão nela? Estarão em segurança durante a exploração?

Deus ordena que Moisés envie os homens à terra e ele prontamente responde (13,3). A oração em 13,3 é construída ainda como ação principal, com um *wayyiqtol*,

³² MANN, T. W., The book of the Torah, p. 127.

³³ SHERWOOD, S. K., Leviticus, Numbers, Deuteronomy, p. 157.

retomando-se a voz do narrador, que faz um primeiro juízo de valor fundamental para o enredo: tudo aconteceu “de acordo com a ordem de Yhwh” (עַל־פִּי יְהוָה), o que será retomado no final da narrativa. Esses elementos acumulados, lidos à luz do gênero da guerra de Yhwh, aguçam a curiosidade do leitor, que deve imaginar que o passo seguinte é o retorno dos exploradores e a tomada militar da terra, desembocando na primeira questão do relato: *Israel entrará, de fato, na terra prometida que está sendo dada por Deus?*

O ritmo da narração sofre um corte. Um longo sumário é formado, após o envio dos exploradores, congelando o tempo contado para explicar quem eram esses exploradores, de forma retrospectiva. O texto funciona com uma *exposição atrasada* ou *exposição diferida* do texto.³⁴ Essa etapa do enredo é construída com uma notação que caracteriza o grupo de exploradores a partir de três orações nominais (13,3-4) conferindo a eles autoridade e a representatividade de todo o Israel: segundo 13,3, todos eram homens e chefes do povo, de forma que qualquer israelita pode se sentir parte de sua ação de reconhecimento. Assim, o autor já começa a conectar indissociavelmente o povo com os exploradores, que terão uma reação semelhante quanto à tomada da terra e, de certa forma, serão fundidos em um único conglomerado revoltoso no início do cap. 14, sendo somente destacados do grupo Caleb e Josué. A pertença à tribo e a filiação de cada um dos exploradores é determinada em uma longa lista, da seguinte forma: “tribo de origem + nome + filho de...”. O quadro é emoldurado pelo paralelismo formado por 13,4 (וְאֵלֶּה שְׁמוֹתָם) e 13,16 (אֵלֶּה שְׁמוֹתָם). Dessa forma, o v. 16 forma um sumário conclusivo que traz como último elemento dessa analepse expositiva a renomeação de Oséias (הוֹשֵׁעַ) como Josué (יְהוֹשֻׁעַ, 13,16), com a inserção da partícula teofórica.

Podemos imaginar o motivo de o autor usar a exposição diferida e não estruturar uma narrativa com um cenário amplo típico de uma narrativa *ab ovo* (“Havia entre as tribos homens, chefes de Israel... Então, Deus, disse a Moisés...”), com uma breve distensão diacrônica. O início do relato interpretado de maneiras diferentes no período grego, como é bem representado na tradição textual protomassorética que serve de base para o Pentateuco samaritano, a Siro-Héxapla, a Septuaginta e os textos correlatos de Qumran, na qual a origem da expedição exploradora é o próprio povo e não uma ordem divina.³⁵ A forma do relato de Nm 13,1-16 transmitida no Texto Massorético ajuda a reforçar a ideia de que o autor queria demonstrar que o *incipit* ligado ao ordenamento divino é fundamental para compreender a narrativa: a exploração é desejada por Deus!

³⁴ Quando “um bloco inteiro de material de exposição é transmitido ao leitor após a ação tenha sido dada a conhecer” (SKA, J. L.; SONNET, J. P.; WÉNIN, A., *Análisis narrativo de relatos del Antiguo Testamento*, p. 25, tradução própria).

³⁵ CATENASSI, F. Z.; ARTUSO, V., *Aportes de crítica textual em Nm 13–14 e Nm 16*, p. 436-444.

Essa constatação torna coerente o recurso à exposição diferida, apresentando os exploradores somente depois de indicar a natureza divina da sondagem da terra.

A ação, já desencadeada em 13,1-3 é retomada com o texto de 13,17, que repete a informação já dada no v. 3: “Moisés os enviou” (וַיִּשְׁלַח אֹתָם מֹשֶׁה), cumprindo a ordem de Yhwh em 13,2. O verso é necessário, diante da longa lista sumária com as informações sobre os nomes dos exploradores, uma “retomada repetitiva”.³⁶ O narrador devolve a voz narrativa a Moisés, retornando com o discurso direto e mostrando o foco da missão: “E vereis a terra...” (13,18), passando pelo Negueb.³⁷ A ação de “ver” (רָאָה) é orientada por três critérios fundamentais (a força dos habitantes, a estrutura das cidades e a fertilidade/vegetação da terra, 13,18-20), sendo que os dois primeiros são esperados diante do caráter da campanha militar dado pelos caps. 1–10. Essa direção dada para a exploração deveria garantir a resposta a dois problemas a serem resolvidos: qual é a capacidade militar povo que habita a terra? A terra tem condições para a vida? O leitor é preparado para supostamente acompanhar um desfecho triunfante militar e teologicamente: a exploração começou e Yhwh está do lado dos israelitas.

Uma última ordem clama uma atitude positiva e vitoriosa “Fortalecei-vos” (o *hithpael* de וְהִתְחַזְקוּתֵם) e estende a ação de ver dos exploradores para todo o povo: eles devem trazer provas materiais do fruto da terra, já que o tempo era das primícias das uvas (13,20). Ao mesmo tempo, também constrói um traço de tensão narrativa à intriga ao indicar que a tomada do fruto exige que os exploradores se fortaleçam, ou seja, denota certo risco na campanha.

5.2. Cena preparatória: a exploração da terra (13,21-24)

Uma nova cena em 13,21-24 passa a ser protagonizado pelos exploradores. Trata-se de uma cena preparatória,³⁸ que reforça a certa tensão narrativa iniciada no desencadeamento da ação e prepara o primeiro clímax do texto. A cena, segundo a terminologia de Barthes,³⁹ ocupa uma função de catálise na narrativa, pois amplia os acontecimentos e os desenvolve sem que sejam um ponto nodal para a trama, ocupando uma função fática, ou seja, mantém em contato o narrador e seu narratário. A expedição exploradora é colocada em marcha passando pelo Negueb e chegando a Canaã, mudando também de cenário. Nela, o povo segue as palavras de Moisés, em forma de

³⁶ Ou “Wiederaufnahme” (MILGROM, J., Numbers, p. 101).

³⁷ O midrash judaico comparou Moisés aqui com um mercador inteligente que, antes de apresentar a terra montanhosa que flui leite e mel, apresenta o solo seco do Negueb (MILGROM, J., Numbers, p. 102). Narrativamente, a interpretação perde sentido: o povo já vinha peregrinando em terreno seco desde a saída do Egito.

³⁸ SKA, J. L., “Nuestros padres nos contaron”, p. 28.

³⁹ BARTHES, R., Introdução à análise estrutural da narrativa, p. 33-35

ordenamento-cumprimento, estruturando uma inclusão com 13,1-3: sobem até as montanhas do Sul pelo deserto do Negueb (13,17; 13,21) e cortam o território de Norte a Sul (“do deserto de Sin até Roob”, 13,21).

Foi discutido que o nome “Sin” (סין) é uma abreviação de “Sinai” (סיני), ilustrando no deserto como que uma extensão da legislação dada aos pés da montanha.⁴⁰ O ponto de final é Roob, que deveria gerar nos leitores a memória de um lugar magnífico pela sua produção de mel. Não se trata do melaço feito com frutas, como era comum na região, e sim, da criação de abelhas em uma quantidade impressionante. Escavações recentes de Mazar em Tel Rehov encontraram, em 2005, um grande apiário construído bem no meio de construções públicas e domésticas, feito com abelhas importadas da Anatólia, com capacidade de produção de 400 a 500 quilos de mel por ano e 50 a 70 quilos de cera.⁴¹ A narrativa constrói um crescente: da obediência às leis dadas no deserto à abundância da terra onde corre o mel.

O relato detém os exploradores em Hebron, que é o primeiro lugar para onde Abraão vai em sua peregrinação, a partir do Negueb, quando sai do Egito (Gn 13,14-16). É também ali que se encontra o túmulo dos Patriarcas (Gn 23; 25,9; 35,27-29; 50,13),⁴² o que resgata na memória dos leitores os destinatários clássicos das promessas e conecta o relato com as histórias de Gênesis. Ali, o narrador coloca-os diante dos habitantes da terra, caracterizados como “descendentes de Enac” (13,22). Há uma notação especial sobre a construção de Hebron (13,22) que dá um caráter histórico ao relato, ao mesmo tempo que ajuda o leitor a pousar sua atenção justamente nesse local. É como um convite para que ele também se detenha ali e participe como testemunha da exploração. A narrativa, então, responde sobre a condição de habitação da terra: não há somente um povo, mas três tribos (representados pelos três nomes listados: Aimã, Sesai e Tolmai, 13,22) que são descendentes de Enac (13,22), provavelmente, evocando gigantes. Não se diz nada sobre a estrutura das cidades.

Então, os exploradores são situados na torrente de Escol (a “torrente do cacho”, נַחַל אֶשְׁכּוֹל), de onde é revelada ao leitor a informação sobre a terra: se os habitantes são gigantes, também as uvas são de tamanho desproporcional, de forma que um único cacho precisa de dois carregadores para ser levado (13,23). A fertilidade da terra ainda é descrita com a existência de outras árvores e de outros frutos, romãzeiras e figueiras (13,23). O uso partitivo de הַרְמוֹנִים regendo o verbo כָּרַת dá margem para que

⁴⁰ FERNANDES, L.; GRENZER, M., Êxodo 15,22–18,27, p. 33.

⁴¹ KAEFER, J. A., Arqueologia das terras da Bíblia II, p. 44-45.

⁴² WENHAM, J. G., Números, p. 118-119.

הַחַיִּים sejam compreendidas não indicando o fruto, mas como a árvore que dá o fruto, enfatizando na terra explorada um panorama arborizado que contrasta com o deserto. O final da primeira cena é uma fórmula etiológica, que explica a origem da torrente de Escol (13,24). Os detalhes sobre a qualidade de Canaã, arborizada e com frutos – correspondendo ao “leite e mel” descrito pelos exploradores em 13,27 –, e a falta de juízos de valor sobre a força dos habitantes ou descrições sobre a fortificação das cidades jogam com um possível triunfo militar esperado na leitura. O narrador parece convencer o leitor de que a tomada de Canaã seria possível quando os exploradores se fortalecem, cumprindo a ordem de Moisés (13,20), e a empreitada realizada em paz, sem confrontos, mostra que, de fato, essa atitude garante o fruto da terra.

5.3. O relatório dos exploradores: dificuldades para tomar a terra (13,25-29)

Uma mudança de local e personagens marca a abertura de uma nova cena situada ainda no montante da narrativa. Os exploradores retornam a Cades para fazer o relatório da comitiva exploradora. Aarão entra em cena ao lado de Moisés, de forma a retratá-los como a referência de autoridade e os primeiros destinatários do relatório dos enviados. Duas eram as questões levantadas na primeira cena da complicação: a força militar das cidades e dos habitantes e a qualidade da terra. Ambas tiveram um aceno do narrador na cena anterior de maneira descritiva, mas não foram cumuladas de juízo de valor. De qualquer forma, espera-se um relato positivo: a terra é habitada por gigantes, não há referência à força das cidades, o que coloca o problema como secundário, e certamente é uma terra boa, cheia de frutos e vegetação. A indicação da duração da exploração (quarenta dias, 13,25) é estilística e serve aos interesses do autor que, adiante, mostrará a proporcionalidade do castigo divino em referência aos dias de exploração da terra.

A congregação (עֵדוּת, 23,26) aparece como um novo personagem, tratada separadamente de Moisés e Aarão e, curiosamente, é ela quem vê os frutos da terra. Essa é a forma com que o narrador une indissociavelmente a ação dos exploradores com a do povo: ambos são chamados a *ver* (רָאָה, 13,18.26), ainda que elementos diferentes. Os exploradores veem a terra a partir de critérios militares e teológicos, mas para a congregação são colocadas somente provas da bondade da terra, ou seja, seus frutos. É compreensível que Moisés não precise ver os frutos da terra, já que age como porta-voz oficial de Deus. Por sua vez, chama a atenção a inserção de Aarão ao seu lado, sem maiores prerrogativas. O leitor já sabe que há certos privilégios aaronitas, como não ter sido castigado no episódio de conflito contra a autoridade de Moisés, ocasião em que somente Maria recebe a lepra como punição divina (12,9-10). Não há sinal dos outros líderes populares que deveriam dividir a responsabilidade sobre o povo

junto a Moisés, que receberam a efusão do espírito em resposta ao conflito de autoridade diante do desejo de carne no deserto (Nm 11,4-5).

Em 13,27, o relato o indica que os exploradores “relataram a ele” o que viram (וַיְסַפְּרוּ־לוֹ), na lógica, a Moisés, responsável pela convocação para a empreitada e quem ditou as ordenações para a leitura do território e de seus habitantes. Um enfático מֵאֵי ajuda a ressaltar as características positivas da terra, onde “realmente está fluindo leite e mel dela” (o particípio זָבַת־ resalta o estado contínuo). Um advérbio restritivo (אֲפֹסֶת) abre o v. 28 marcando uma consideração a ser feita na descrição da terra, mas sem caráter enfático como se fosse uma grande reversão de expectativa, já que para maior ênfase, seria esperado o uso de אֲבָל.⁴³ Contudo, a descrição da força dos habitantes na terra e da alta fortificação das cidades é extensa (13,28-29) e dá a causa para a queixa do povo.

5.4. Primeiro conflito e tentativa de resolução: o povo atenta contra Moisés e mediação de Caleb (13,30)

Um pequeno versículo é usado para narrar uma primeira rebelião popular. O texto é econômico; reduz o tempo de contar em relação ao tempo contado, não dando informações sobre a rebelião em si mesma e só sinalizando que “Caleb silenciou o povo [que falava] contra Moisés” (13,30). Narrativamente, a oclusão da informação é uma *elipse*.⁴⁴ O leitor é convocado, nesse momento, a completar o relato imaginando a cena litigiosa. A dissensão é assegurada pela expressão אֶל־מִשְׁפָּחָה, usada em outros lugares para designar movimento hostil contra outrem.⁴⁵ Para o narrador, parece que é mais importante aqui separar Caleb do grupo dos exploradores e do povo e colocá-lo ao lado de Moisés do que propriamente a rebelião. Não sabemos dela sequer o conteúdo da

⁴³ WALTKE, B. K.; O’CONNOR M., An introduction to Biblical Hebrew Syntax, p. 673.

⁴⁴ É bem verdade, como ensina Ska, que nem sempre é fácil distinguir entre *lacuna* e *elipse* (SKA, J. L., “Nuestros padres nos contaron”, p. 17), como acontece em 13,30. Nesse caso, opto por *elipse*, uma vez que a informação sobre a revolta contra Moisés não é necessariamente esperada pelo leitor; do contrário, o surpreende. Aqui, trata-se de uma *elipse*, pois um momento fundamental da história, inferido na narração, não corresponde a nenhuma parte específica dela.

⁴⁵ A dificuldade reside em identificar o sintagma regido pela preposição אֶל. Quando é usada para designar um movimento metafórico ligado a um personagem hostil, pode ser traduzido como “contra” (cf. Gn 4,8; 1Sm 22,12; Ex 14,5; Nm 32,14; Jr 51,9; Jó 40,23) (BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A., A Hebrew and English lexicon of the Old Testament, p. 39), o que é bastante compatível com o contexto.

queixa, que só pode ser entendido contextualmente: a força dos habitantes da terra e a inacessibilidade das cidades.

A construção do enredo é feita aqui na forma de composição progressiva, formando um enredo em cadeia.⁴⁶ São dois conflitos do povo, o primeiro contra Moisés e o segundo, contra Caleb, Josué e, provavelmente, também contra Moisés e Aarão. Ambos têm diferenças significativas e são preparados pela cena seguinte, que dá o conteúdo teológico para o grande episódio de murmuração, mais dramático e descrito com uma série de detalhes em 14,1-4. Essa terceira cena em forma de rebelião resgata um dos problemas levantados anteriormente – será que Israel é capaz de vencer os habitantes de Canaã? –, intimamente ligado à trama, que gira ao redor da viabilidade da conquista da terra.

A *tentativa de resolução* aparece em forma de discurso de Caleb. O discurso se distancia do relato dos exploradores, mas não se detém em descrições ou em uma réplica contradizendo o anterior: refere-se à terra em si mesma e não aos habitantes (13,30), a partir da repetição de uma construção enfática (13,30) que valoriza a viabilidade da conquista. Sua forma proléptica antecipa a vitória sobre a terra que “devora os que ela habitam” (13,32).

Nesse primeiro ponto alto da história, o conflito e a reação de Caleb aumentam a tensão da intriga. O grupo de exploradores já não está mais unificado e Caleb está ao lado de Moisés. Dois grupos são evidentes: de um lado, Moisés, Caleb e Aarão; do outro, os demais exploradores e o povo. O pequeno discurso de Caleb responde aos problemas levantados quanto à viabilidade da tomada de Canaã: “certamente, subiremos e a possuiremos por herança” (13,30); porém, é feito diante de um grupo com os ânimos acesos contra os líderes. O leitor vai sendo convidado a colocar-se ao lado de Caleb, Moisés e Aarão e não da comunidade revoltosa, que começa a aparecer como um impedimento para que Deus cumpra a promessa. Se a terra está sendo dada por Deus (13,2), é garantida como herança (13,30) e os frutos da terra estão diante dos olhos da comunidade provando que é boa (13,26), o único impedimento para a tomada de Canaã é a disposição do povo. Isso será capaz de interromper o curso do plano divino?

5.5. Novo relatório dos exploradores: difamação da terra e habitantes gigantes (13,31-33)

Em uma narrativa simples de conflito, esperar-se-ia a intervenção imediata de Yhwh castigando os rebeldes. A mediação inicial de Caleb é inédita em relação aos enredos das cenas-tipo dos relatos de conflito pós-Sinai. O narrador, de maneira surpreendente, acrescenta mais um elemento dramático ao enredo, devolvendo a voz aos exploradores. Um adendo: até então, Josué não é destacado do grupo e,

⁴⁶ SKA, J. L.; SONNET, J. P.; WÉNIN, A., Análisis narrativo de relatos del Antiguo Testamento, p. 25.

aparentemente, faz parte dos exploradores com reporte desanimador da terra. O leitor que acompanhou sua mudança de nome deve se perguntar em qual grupo ele se encontra.

Na forma de discurso direto, os exploradores negam a motivação de Caleb. Enquanto este tinha afirmado que “certamente subiremos” (עָלֶה נַעֲלֶה, 13,30), em 13,31, forma-se um contradiscurso: “Não somos capazes de subir” (לֹא נוֹכַח לָעֲלוֹת). Porém, enquanto Caleb ignora os habitantes, e enfoca em prevalecer *contra a terra* (כִּי־יִכּוֹל נוֹכַח, 13,30), os exploradores retomam o seu relato e voltam a pousar olhos na ameaça dos fortes habitantes, lembrando que a vitória deve ser *contra o povo* (הָעַם לֹא, 13,31). Nenhuma menção é feita a Yhwh ou à terra como promessa, com exceção do reconhecimento que dela flui leite e mel (13,27).

O narrador oferece um juízo negativo sobre a fala dos exploradores: eles “soltam uma difamação” (13,32) sobre Canaã. רֵבָה é usada com sentido de má-notícia, murmuração ou difamação em Gn 37,2; Nm 14,36.37; Sl 31,14; Pr 10,18; 25,10; Jr 20,10; Ez 36,3. A terra devora os que nela habitam (13,32) e a grandeza dos habitantes é valorizada agora em comparação com a Israel que, por sua vez, é considerado um gafanhoto diante dos gigantes locais (13,32-33). Com isso, fica claro que a intercessão de Caleb para o conflito não funcionou. Porém, a questão levantada sobre a viabilidade da conquista ganha outro contorno problemático: Israel não tem forças para lutar contra os habitantes da terra! O papel divino na conquista é eclipsado.

5.6. Segundo conflito: todo o povo atenta contra Moisés e Aarão (14,1-4)

Em 14,1 há a inserção de uma nova cena, mudando a ação: do informe dos exploradores, o relato mostra o povo chorando e soltando a voz, com uma marcação de duração: o fazem por toda uma noite, dando o tom dramático que irá acompanhar todo o relato. A ação de chorar afasta o tempo contado do tempo de contar: um choro dramático, revoltoso e estendido por uma noite toda é descrito em uma oração (הָהוּא בִּלְיָהּ וַיִּבְכּוּ הָעָם בַּלַּיְלָהּ). Enquanto no primeiro conflito contra Moisés (13,30), o texto abre espaço para que o leitor complete as informações sobre a dissensão, aqui, o narrador apresenta detalhes enfáticos da cena, ressaltando a dramaticidade do conflito, entrevedo uma rebelião de grande porte. Seria possível especular se o tom de ação habitual dado por הָהוּא בִּלְיָהּ configura, na verdade, a exposição de outro relato e o início de outra perícopé, imbricando o encaminhamento final de um enredo com o início de outro.⁴⁷ Uma interpretação melhor é que a falta de um final para o primeiro conflito

⁴⁷ A técnica é explicada por D. Marguerat e Y. Bourquin (Para ler as narrativas bíblicas, p. 68-69).

deve ser entendida como parte do arranjo de composição progressiva. O efeito no leitor é de uma intriga de dramaticidade progressiva: se no primeiro conflito entre o povo e Moisés, Caleb só pode oferecer uma tentativa frustrada de mediar a situação, o que seria capaz de conter todo esse contingente litigioso?

Seria esperada uma ação modificadora do relato, um novo ponto alto que começasse a modificar a situação. No entanto, o texto desenha um novo conflito, demarcado com o verbo לָרִיב (14,2), que indica rebelião, dessa vez com um novo personagem: todo o povo murmurou contra Moisés e contra Aarão. Já não estão contra a terra ou os habitantes, mas contra os líderes e contra o próprio Deus. Como já havia acontecido em outros episódios de conflito (p. ex., Ex 14,11-12; 16,3; Nm 11,4-5), na fala do povo há uma imagem idealizada do Egito, que recai diretamente contra o projeto de Yhwh. O povo é cada vez mais aproximado dos exploradores: enquanto estes difamam a terra (13,32), aqueles difamam Yhwh, defendendo que ele daria a morte à congregação, e não a terra. A guerra com os habitantes de Canaã teria incidência especialmente na geração futura, pois dizem que teriam sido levados ao deserto “para caírem pela espada nossas mulheres e nossas crianças se tornarem espólio” (14,3).

Acentuando a gravidade da situação, a queixa contra o próprio Yhwh é acompanhada por uma decisão de substituir os líderes. Comparado ao conflito anterior, o auge da murmuração se encontra na afirmação programática de 14,4: “coloquemos um cabeça [שָׂרָא] a fim de que retornemos ao Egito” (14,4), constituindo um conflito de autoridade contra Moisés e Aarão, já que os exploradores também tinham sido chamados de שָׂרָא em 13,3. O questionamento da liderança torna-se, a partir daqui, central: *os chefes colocados por Yhwh não servem para o povo.*

5.7. Nova tentativa de resolução: Caleb e Josué mediam (14,5-10ab)

Após a murmuração do povo, Aarão e Moisés são inseridos em cena (14,5) para preparar a aparição da glória de Yhwh (14,10). Há uma mudança de personagens, já que Moisés e Aarão reaparecem, além de Josué e Caleb, que fazem um longo discurso e soma-se o critério dramático, uma vez que essa reação constitui uma tentativa de resolução do segundo conflito.

Moisés e Aarão tem uma postura imprevista, pois se esperaria à luz da cena-tipo das murmurações pós-Sinai o castigo divino sobre os revoltosos ou a queixa/intercessão de Moisés. Contudo, o narrador informa que eles “caíram sobre as suas faces” (14,5), uma atitude passiva que abre espaço para a intervenção de outros mediadores.

Josué protagoniza a partir daí o relato e conduz um discurso feito com Caleb em defesa do projeto de tomada da terra (14,7-9). O discurso reafirma que a terra é boa de maneira enfática (טוֹבָה הָאָרֶץ כַּאֲשֶׁר נִאָדָר, 14,7) e alicerça novamente o marco teológico:

trata-se de um dom de Deus (14,8). Assim, desconstrói o desenho de uma conquista meramente militar dos exploradores e resgata-a como uma consequência da bondade de Yhwh e do apreço que tem por seu povo (אֱמֶתֶךָ בְּנֵי, 14,8a), desfazendo a imagem de um Deus violento que mata no deserto aqueles que ele libertou apresentada na queixa do povo. A oração com בוא no *hiphil* (וְהִבִּיא, 14,8) é narrativamente um alarme: Deus é quem faz entrar na terra. Josué e Caleb clamam uma atitude de obediência, não de rebeldia (14,9), o que garante um confronto com o povo da terra sem temor (14,9). Forma-se uma negativa à afirmação de que a terra devora seus habitantes (אֲתָה אֶרֶץ אֹכֵלֶת יוֹשְׁבֵיהָ הִוא, 13,32) usando o mesmo tipo de vocabulário: os israelitas fiéis devorarão os habitantes como sua própria comida (כִּי לֶחְמֵנֵינוּ הֵם, 14,9).

Tamanho discurso, fundamentalmente teológico, teria na narrativa a capacidade de sensibilizar o povo para a mudança? O narrador retoma a voz e, sem grandes explicações, mostra que a rebelião, na verdade, é acentuada: toda a congregação quer apedrejar seus líderes, retomando seu plano de colocar outros cabeças e retornar ao Egito (14,10), formando o ponto mais dramático das rebeliões em Números.⁴⁸

5.8. Ponto de mudança: aparição da glória de Yhwh e processo jurídico contra o povo (14,10cd)

O final da cena anterior acumulou toda a dramaticidade construída desde o princípio do relato. A mediação humana já havia se mostrado ineficiente e a tentativa de acalmar os ânimos da congregação não foi bem-sucedida nem com Caleb (13,30), nem com Josué e Caleb juntos (14,10). A resistência foi tamanha que terminara em uma tentativa de assassinato contra os líderes, os quais, por antonomásia, representam o projeto teológico de tomada da terra, que envolve a obediência a Yhwh.

Estamos certamente no ápice dramático do relato, configurando seu clímax. Tão logo o projeto de substituição dos líderes transforma-se em tentativa de assassinato, a glória de Yhwh aparece na tenda do encontro. Novamente, o povo é convocado a ver (o “aparecer” de 14,10 é o *niphal* de הָאָהַר), mas, dessa vez, não mediadores ou sinais da terra, senão a própria glória de Deus. A resposta do conflito nasce da iniciativa do próprio Yhwh.

Uma vez que a narrativa ganha aqui um novo rumo, temos o ponto de mudança do enredo. A manifestação da glória acontece para todos os israelitas (14,10), deslocando o espaço narrativo para a tenda do encontro, lugar típico do processo

⁴⁸ Sherwood defende que o ponto mais alto de tensão do episódio encontra-se em 14,2 (Leviticus, Numbers, Deuteronomy, p. 108). Contudo, ele recai sobre a grande rebelião do povo ao buscar matar os seus líderes (14,10), o que é inédito nos relatos de conflito, resultado de um efeito de acúmulo nas rebeliões desde o livro do Êxodo.

judiciário dos culposos quando visitada pela glória de Yhwh nos relatos de conflito no deserto.⁴⁹ Nesse caso, trata-se de um julgamento público de todo o Israel. Do processo, fazem parte a acusação de Deus (14,11b-12), a defesa de Moisés (14,13-19) e a dupla condenação e sentença de Deus (14,20-25.26-36). Com isto, diminui-se a tensão dramática e o conflito se dirige ao fim, com a punição dos culpados e a garantia da vida para Josué e Caleb (14,36-38).

5.9. Primeira resolução: o julgamento, a mediação de Moisés e o veredicto divino (14,11-36)

O julgamento e a condenação dos culposos ocupam grande parte do cap. 14, desenvolvido a partir de longos discursos. Até aqui, as ações são desenvolvidas em um liame lógico e cronológico. A robustez do discurso divino e do diálogo com Moisés em comparação com os relatos de conflitos em Números constrói uma relação hierárquica entre os acontecimentos:⁵⁰ a condenação dos israelitas feita no discurso divino é mais importante que as outras unidades literárias. Ela confere o motivo teológico que dá sentido aos 40 anos de caminhada no deserto e à morte da geração do êxodo. A resolução pode ser dividida em duas cenas, sob critérios dramáticos: o julgamento e a mediação de Moisés; e o duplo veredicto divino.

5.9.1. O julgamento e a mediação de Moisés (14,11-19)

O narrador praticamente desaparece na resolução do conflito e se restringe a introduzir os quatro discursos que o formam. O primeiro deles é de Yhwh que, apesar de aparecer para todo o povo, formando um tribunal público, fala somente com Moisés, reforçando sua autoridade como mediador. Aarão, Caleb e Josué, que apareceram com certa autoridade no relato, também saem de cena.

Diante da culpabilidade do povo, que manifesta sua rebelião contra Yhwh atacando seus líderes, mesmo sob advertência de Josué, a condenação deve ser vista como justa pelo leitor. Israel é acusado de falta de fé e da descrença nos sinais (retorna a importância da semântica de “ver”). O veredicto divino de condenação é dividido com Moisés e toca duas esferas: (a) a punição da congregação com doença fatal; (b) a continuidade da promessa a partir de Moisés. A proposta de um castigo arrasador de Yhwh feita em um modelo volitivo (o coortativo hebraico), colocada como uma deixa para a fala intercessora de Moisés, valorizando o papel central do personagem como mediador e sua proximidade com Deus.

⁴⁹ ARTUSO, V., Função judiciária da glória e da nuvem nos conflitos de liderança no deserto, p. 423-424.

⁵⁰ Segundo os níveis de relações das ações propostos por REUTER, Y., A análise da narrativa, p. 31.

Em resposta, Moisés cumpre seu papel de mediador e faz um discurso longo, colocando como argumento a manutenção da fama de Yhwh diante das outras nações, especialmente os egípcios (14,13.15). Moisés somente trata objetivamente da primeira esfera do castigo e, implicitamente, recusa a segunda, já que o povo não chegar na terra prometida é um sinal da fraqueza de Yhwh e, por consequência, iniciar outro povo a partir de Moisés, também o seria. No desdobramento do discurso, Moisés amplia a imagem de Yhwh que havia sido apresentada no relato até então. Ele é forte em sua paciência e na abundante misericórdia (14,18, uma releitura da auto-descrição de Deus em Ex 34,6-7), o que contrasta com a imagem do Deus que mata no deserto. O parâmetro de justiça de Moisés é apresentado como um castigo até a quarta geração, o que não acontecerá no relato, já que à nova geração será doada a terra prometida. As novas questões emergidas são: Deus perdoará seu povo, mantendo a coerência de seu plano libertador? (14,19); o povo entrará na terra, mesmo sem merecer?

5.9.2. O duplo veredicto divino (14,20-36)

A resposta divina vem no formato de dois longos discursos, o que destoa de todas as narrativas de conflito nos livros de Êxodo e Números. Em nenhuma delas, o autor dá a voz a Deus por tanto tempo narrado quanto em Nm 14,20-36. A solenidade dos discursos aparece nas duas ocorrências da fórmula de juramento “eu estou vivo” (אֲנִי־יְיָ, 14,21.28), que aparece somente nos profetas exílicos (אֲנִי־יְיָ, Is 49,18; אֲנִי־יְיָ, Jr 22,24).⁵¹ O texto de Amós, mais antigo, também retrata o juramento divino (Am 4,2; 6,8), mas com fórmula distinta, construída com o verbo “jurar” (עָבַד). Alter está correto ao afirmar que não há nenhuma indicação gramatical que permita inserir uma partícula comparativa ou mesmo lógica de que Deus jure por algo mais que sua própria vida.⁵²

O leitor moderno ocidental tende a ver a repetição do discurso como um lapso de lógica narrativa relativamente rudimentar e, de fato, essa foi a interpretação do método histórico-crítico desde suas primeiras publicações, como já indicamos. É verdade que ao tratar de composições formadas por vários episódios sucessivos, podem surgir incoerências, que devem ter sido atenuadas pelos editores ou redatores do texto canônico.⁵³ Não obstante, esse processo de atenuação deve também ser interpretado como fonte de sentido ao texto, já que as repetições nas narrativas, provavelmente oriundas dos paralelismos poéticos que estão na raiz da literatura,⁵⁴ geram na mente do

⁵¹ Segundo Sherwood (Leviticus, Numbers, Deuteronomy, p. 161), outra fórmula de juramento aparece em Nm 14,23, em “e todo o que me desprezou não a verá”.

⁵² ALTER, R., *The five books of Moses*, p. 752.

⁵³ SKA, J. L.; SONNET, J. P.; WÉNIN, A., *Análisis narrativo de relatos del Antiguo Testamento*, p. 14.

⁵⁴ ALTER, R., *A arte da narrativa bíblica*, p. 150.

leitor uma questão combinatória ao assumir uma forma de equivalência e contrastes na trama.⁵⁵ É importante, portanto, questionar por que a forma final manteve um padrão de repetição, típico da escrita oriental.

A abertura do segundo discurso divino em Nm 14 forma uma aposiopese,⁵⁶ uma interrupção brusca do discurso anterior, deixando-o incompleto, sem conclusão, pois são os vv. 31-33 que são colocados como o desfecho do discurso, dando uma resposta definitiva a respeito do futuro dos filhos da primeira geração e com uma repetição da condenação dela. Como ensina Ackerman, “A geração do Êxodo deve morrer porque, ao contrário de Abraão, ela teme pelo futuro de seus filhos”.⁵⁷ Dessa forma, a organização final do livro não simplesmente “descuidou” da harmonia do relato mantendo dois discursos quase idênticos, mas construiu uma relação de dependência entre os dois.

Alguns elementos são semelhantes. No aspecto formal, iniciam com um “até quando” (14,11.27) e apresentam uma fórmula de juramento (14,21.28), a acusação (14,22.28), o veredito contra a geração revoltosa (14,22.29-30), e a salvação de um líder (14,24.30) e da descendência (14,24-31). Yhwh não segue o parâmetro de justiça proposto por Moisés (14,18), mas mostra grande abundância de misericórdia e que realmente está disposto a perdoar o povo. Não castiga todos os israelitas com peste, mas condena a uma peregrinação pelo deserto até que toda a primeira geração faleça. Fica claro que a primeira ordem da subida a Canaã está abortada para a primeira geração.

Uma diferença imediatamente percebida nos dois discursos são os destinatários: o primeiro (vv. 20-25) se destina a Moisés; o segundo, a Moisés e Aarão (vv. 27-36). A inserção de Aarão se conecta bem com o início do relato, quando o povo vem ao encontro dos dois irmãos para apresentar os frutos da terra (13,26), mas é uma resposta ainda melhor ao povo revoltoso que questionou a liderança de Moisés e Aarão (14,5). Deus legitimou primeiro a autoridade de Moisés, porta-voz oficial de sua palavra desde o início do relato, mas é preciso salvaguardar também Aarão, o que responde aos interesses do grupo sacerdotal sadoquita que está na base histórica do relato. Caleb e Josué não aparecem como destinatários. Eles serão encaixados no discurso divino como ícones da segunda geração, que entrará na terra. Somente com a morte de Moisés e Aarão poderão aparecer como continuadores da obra e garantia da entrada na terra. Os discursos nomeiam Caleb (14,24.30) e o segundo completa a informação com Josué (14,30), seguindo a própria lógica da narração, que colocou um primeiro discurso mediador de Caleb e um segundo com os dois personagens.

A acusação varia nos dois discursos divinos: no primeiro, trata-se de colocar Yhwh à prova (14,22) e não obedecer sua voz, desprezando-o (14,22); no segundo, o

⁵⁵ STERNBERG, M. The poetics of Biblical narrative, p. 366.

⁵⁶ KEIL, C. F.; DELITZSCH, F., Biblical commentary on the Old Testament, p. 95.

⁵⁷ ACKERMAN, J. S., Números, p. 97.

tema da murmuração é dominante (14,27.29.36). O julgamento do povo no primeiro discurso (vv. 22-23) é desdobrado nos vv. 26-35 mostrando a consequência última das murmurações.⁵⁸ A segunda fala de Yhwh completa a primeira, indicando que os filhos carregarão os pecados dos pais apenas enquanto estão vivos e, então, têm garantida a entrada na terra (14,24.31). Os próprios pais devem carregar seus pecados enquanto estão no deserto (14,34), seguindo um modelo de retribuição individual. Também a proporcionalidade do castigo é estabelecida no segundo discurso: um ano para cada dia em que a terra foi explorada (14,34), o que gera nos leitores uma sensação de que a punição é adequada e justa para o crime.⁵⁹ Fica claro que o duplo discurso divino tem pequenas variantes que refletem acentos e desenvolvimentos teológicos: a teologia deuteronômista deixa marcas no texto ressaltando a figura de Caleb e Josué e colocando a transgressão em Cades como um exemplo de obediência à Torá. Por outro lado, a teologia sacerdotal legítima no texto o sacerdócio de Aarão e corrige tradições antigas que se expressavam em Israel, como a retribuição coletiva e o castigo das gerações.⁶⁰

Ao retratar a condenação divina, mas a garantia da salvação, fica claro que a pergunta sobre a viabilidade da conquista da terra está respondida positivamente. A grande questão inicial, referente a se Israel tomaria Canaã naquele momento também é respondida, negativamente, tomando o pecado do povo como parâmetro. O autor aproveita os discursos divinos e a mediação de Moisés para mostrar quem é Yhwh, para reforçar os traços do projeto de libertação do Êxodo e da tomada da terra como herança, indo contra uma imagem do Deus distante, incapaz de libertar. Também mostra que a tomada da terra não é iniciativa humana, mas divina e, portanto, Yhwh é o primeiro responsável por ela, sendo condições não temer o povo da terra e não se rebelar contra Deus. A narrativa, assim, volta ao descanso, já que os conflitos todos foram resolvidos e a tensão e o suspense diminuíram por completo.

5.10. Conclusão: morte dos culposos e vida para Josué e Caleb (14,37-38)

O narrador retoma a voz nos dois versículos finais da narrativa para sumarizar o resultado do veredicto divino: aqueles que soltaram uma difamação má (aqui, o substantivo é qualificado pelo adjetivo: רָעָה רַבַּת־הָאָרֶץ, 14,36) não podem continuar vivos e são castigados com morte instantânea pela praga, diante de Yhwh (14,37). O autor faz questão de reafirmar que os exploradores que obedeceram a voz de Yhwh são poupados: Josué e Caleb viveram (14,35).

⁵⁸ ASHLEY, T. R., *The Book of Numbers*, p. 263.

⁵⁹ OLSON, D. T., *Numbers*, p. 85.

⁶⁰ CATENASSI, F.; ARTUSO, V.; ROSSI, L. A. S., *A composição do relato da crise de Cades*, p. 200.

5.1.1. Segunda resolução, apendicular: os israelitas tentam tomar a terra e são destruídos (14,39-45)

Quando o leitor acredita que a narrativa terminou, com bastante destreza o narrador retoma temas fundamentais do relato e atrasa seu final com uma última cena que constrói um suspense na trama. Trata-se de uma *dupla resolução* ou um *duplo clímax*.⁶¹ Para o grupo opositor aos líderes de Yhwh, o conflito não estava solucionado com o discurso divino e a condenação dos exploradores, já que não aceitam o veredicto a respeito deles próprios, segundo o qual aquela geração não poderia entrar na terra. Isso gera uma reviravolta no enredo, bem conectado com o início e com o centro da narrativa: se Yhwh tinha dado a terra aos filhos de Israel (13,2) e os discursos de Caleb e Josué reforçavam a ideia de que isso era possível (14,30.7-9), então preferem retomar essa ideia, ignorando o discurso de Yhwh e se lançando na campanha de conquista. Como a narrativa foi aberta com o envio para a exploração e consequente tomada da terra, a tentativa frustrada de subida mantém vivo o desequilíbrio da narração e a intriga, já que a intriga mínima completa consiste “na passagem de um equilíbrio a outro”.⁶² É um apêndice trágico que mostra a destruição de Israel em uma tentativa fracassada de tomar a terra. A cena é marcada com a retirada de Yhwh do diálogo e o retorno de Moisés junto ao povo, além da mudança do discurso para narração.

A função do relato de Nm 13–14 em sua unidade é reafirmar motivos teológicos que nortearam a composição narrativa, especialmente a necessidade de cumprir a ordem de Yhwh. O *incipit* aconteceu por iniciativa divina, ordenando a Moisés o envio dos exploradores (13,2). Moisés é a extensão de Yhwh junto aos chefes do povo e deu a ordem para que subissem à região montanhosa de Canaã (14,3.16-17). O narrador fez questão de mostrar que o início da ação se deu “de acordo com a ordem de Yhwh” (יהוה עֲלֵפִי, 13,3) e que a condenação da primeira geração aconteceu porque “não obedeceram minha voz” (וְלֹא שָׁמְעוּ בְקוֹלִי, 14,22).

O apêndice de 14,39-45 é uma narrativa exemplar de desobediência. O povo escutou o veredicto de Yhwh da boca de Moisés, porta-voz oficial (14,39). Ficaram de luto toda a noite (assim como na rebelião de 14,1) e subiram a montanha para tentar tomar Canaã. Os israelitas temiam os habitantes da terra e, mesmo assim, desobedeceram a ordem para que voltassem ao deserto (14,25). Com isso, eclipsam a advertência de Josué: “Somente não vos rebeleis contra Yhwh” (14,9). Moisés novamente aparece como mediador e adverte que a ação de enfrentar os gigantes da

⁶¹ Marguerat e Bourquin (Para ler as narrativas bíblicas, p. 47) preferem tratar como um “ricochete da narrativa”, uma técnica em que o narrador administra a surpresa e faz “sua narrativa ricochetear para além do final esperado”.

⁶² TODOROV, T. As estruturas narrativas, p. 138.

terra significa desobediência. A inserção da oração “vós estais transgredindo a ordem de Yhwh” (יְהוָה אֲתֵם עֹבְרִים אֶת־פִּי יְהוָה, 14,41) conecta esse apêndice com o início da narrativa. A falta do povo termina com o que eles mais temiam: a completa destruição, em forma de chacina, dos militares israelitas (14,45).

5.12. Tipo de enredo

O enredo analisado pode ser sumarizado da seguinte forma:

13,1-20: Desencadeamento da ação e exposição diferida: a iniciativa divina do envio dos exploradores e a mediação de Moisés.

13,21–14,10a: Complicação: o relatório dos exploradores, o duplo conflito e a mediação de Caleb e Josué

13,21-24: *Cena preparatória:* a exploração da terra

13,25-29: *O relatório dos exploradores:* dificuldades para tomar a terra

13,30: *Primeiro conflito e tentativa de resolução:* o povo atenta contra Moisés e mediação de Caleb 13,31-33: *Novo relatório dos exploradores:* difamação da terra e habitantes gigantes

14,1-4: *Segundo conflito:* todo o povo atenta contra Moisés e Aarão

14,5-10ab: *Nova tentativa de resolução:* Caleb e Josué mediam

14,10bd: Ponto de mudança: aparição da glória de Yhwh e processo jurídico contra o povo

14,11-36: Primeira resolução: o julgamento, a mediação de Moisés e o veredicto divino

14,11-19: O julgamento e a mediação de Moisés

14,20-36: O duplo veredicto divino

14,37-38: Conclusão: morte dos culposos e vida para Josué e Caleb

14,39-45: Segunda resolução, apendicular: os israelitas tentam tomar a terra e são destruídos

As transformações principais do enredo sugerem um enredo no modelo de resolução. A dupla situação final sugere visões específicas de conflito e desenlace. Na primeira resolução, temos uma peripeteia: o motivo inicial, questionando se seria o momento para que a primeira geração de Israel entrasse na terra de Canaã, é respondido ao final: não, somente a segunda geração o fará. Isso configura um enredo de conflito-solução. Os conflitos que movem o relato são contra a autoridade de Moisés e Aarão, o que, em última instância, reflete um conflito contra a autoridade de Yhwh. Ao mesmo tempo, a segunda resolução em forma de apêndice pede outro olhar sobre o enredo. A

situação inicial é bem caracterizada como uma ordem de Yhwh (13,3), reafirmada no decorrer do texto (14,22) e resgatada na segunda resolução (14,41). Nesse caso, a situação final é inversamente simétrica à inicial. Assim poderíamos classificar o enredo a partir da segunda resolução como de ordenamento-transgressão.

O robusto acento teológico do texto especialmente recaído nos grandes discursos que configuram a primeira resolução, superior hierarquicamente às outras unidades narrativas, configura uma *anagnórise*, revelando a verdade sobre aspectos de Yhwh. Isso é verdadeiro também quanto à segunda resolução, que não se interessa por detalhes da batalha contra os amalecitas e o cananeu, mas é abundante em descrições de juízos sobre a ação transgressora dos israelitas. Nesse sentido, o enredo também pode ser visto em sua função reveladora, a partir do par ignorância-conhecimento, partindo da ignorância sobre o caráter divino misericordioso e grandioso no perdão para uma imagem de um Deus que mantém a aliança e não castiga a falta dos pais até a quarta geração. Enquanto o povo rejeita o Deus do Êxodo, Moisés o reafirma (14,11-19).

Conclusão

A análise do enredo de Nm 13–14 indicou que o texto não foi organizado na forma de complexas estruturas concêntricas, como se tentou fundamentar na história da pesquisa. Podemos notar um paralelismo mais evidente entre a primeira seção, o envio dos exploradores à terra e retorno controverso (13,1-33) e a última, quando, controversamente, o povo vai à terra (14,39-45). O centro bipartido mostra a resposta rebelde do povo (14,1-10) e a resposta de Yhwh, um processo jurídico para castigar os revoltosos (14,10-38). Essa primeira e básica estrutura entrevê uma organização do texto cuidadosa e valorizando a unidade do relato, que foi confirmada com a análise do enredo à luz das cenas-tipo e das categorias da narratologia.

A análise do enredo mostra que o relato foi construído como uma complexa unidade ao redor da obediência e desobediência a Yhwh, legitimando as instâncias de mediação junto ao povo: Moisés e Aarão. Moisés é colocado em uma posição especial, sendo porta-voz de Yhwh e intercessor. Ele recebe a proposta de ser precursor de um novo povo (13,12), no qual se depositaria a herança outrora destinada a Abraão. Seu discurso intercessor (13,12-19) consegue amenizar a ira divina, garantindo a sobrevivência, em contraste com os protagonizados por Caleb e Josué, que não surtem efeito diante do povo (13,30; 14,7-9). Aarão aparece com função de autoridade sobre os espiões e sobre Israel (13,26), está presente na antecipação da glória de Yhwh (14,5) quando seu “cair com a face em terra” demonstra que sabe mais do que o narrador e o leitor. Um discurso divino é destinado a Moisés e Aarão (14,26). Aarão, aqui, não é

pecador, como em Ex 34, mas está ao lado de Moisés e ouve de antemão os desígnios de Yhwh para o povo rebelde

Caleb e Josué representam outras instâncias mediadoras que, no entanto, não são maiores que Moisés. O atraso do castigo divino e o silêncio de Moisés e Aarão demonstram a intenção do narrador de abrir espaço para a mediação de Josué e de Caleb, que aparecem como destinatários e garantia do cumprimento da promessa. Em última instância, a eficácia da intercessão de Moisés depende da existência de novos líderes que guiem o povo até a terra prometida. A insistência no tema da descendência na queixa do povo também ressalta a escolha divina dessa mesma descendência para levar a cabo o cumprimento da promessa de Deus.

A unidade do relato é bem delineada pela inserção de uma resolução apêndicular que é um contraponto a Nm 13. O apêndice de 14,39-45 é uma narrativa exemplar de desobediência, reafirmando os motivos teológicos que nortearam a narrativa, especialmente a ordem de Deus de 13,2. Por isso, a unidade do relato é garantida com o juízo da tentativa da tomada da terra feita por Moisés: “vós estais transgredindo a ordem de Yhwh” (14,41), que forma uma inclusão com 13,3: “Moisés enviou-os do deserto de Farã de acordo com a ordem de Yhwh”.

A repetição do veredicto divino em Nm 14,20-36 é particularmente significativa para discutir a teoria literária a partir dos textos bíblicos. O texto é compósito em sua origem, mas segue o que testemunha Alter a respeito da arte narrativa bíblica ao dizer que o entrelaçamento das fontes é feito em um “todo artístico complexo”.⁶³ A repetição não deve ser vista, portanto, como mera ruptura, mas dentro de um processo de composição literária que, do contrário, está em função de valorizar a unidade do texto, de forma que se deva buscar em uma análise sincrônica a implicação de seu significado para uma compreensão estrutural da perícopes.

Nesse sentido, a análise das variantes das repetições é fundamental para o desenvolvimento do enredo. Segundo Alter, a variação pode ser usada para sugerir um desenvolvimento, chegando a antecipar desfechos na narrativa.⁶⁴ No caso de Nm 14,20-36, a inserção de Aarão e o desdobramento do conflito prepara o papel privilegiado não somente dos levitas (como já havia sido afirmado em Nm 4), mas agora dos aaronitas. A partir do papel privilegiado de Aarão como mediador, o leitor tem um juízo de valor fundamentalmente positivo para o personagem, o que antecipa o desfecho da rebelião contra sua autoridade na revolta de Coré, Datã e Abirã (Nm 16-17) e um discurso divino dirigido somente a Aarão (Nm 18,1)!

A análise deste artigo corrobora a teoria de Sternberg que defende que as possibilidades de repetição utilizadas pela Bíblia envolvem uma alteração

⁶³ ALTER, R., Em espelho crítico, p. 20.

⁶⁴ ALTER, R., A arte da narrativa bíblica, p. 155.

impressionante de variáveis dotadas de forças distintivas, de forma que cada uma delas reclame uma explicação que pode não seguir a norma geral.⁶⁵ É o que o autor denomina o Princípio de Proteu: a resistência a qualquer conexão automática de forma e função. Nesse sentido, a suposta redundância que rouba a sofisticação de um texto bíblico para o leitor moderno ocidental deve ser revisitada em sua gama de possibilidades de implicações na análise da narrativa. As repetições devem ser analisadas minuciosamente em um sistema de reiteraões para que se perceba as mudanças nos padrões de redundância específicas de cada texto bíblico. Assim, a repetição, de um traço rudimentar e princípio da ruptura, transforma-se em arte, sofisticação, e fundamento para a unidade de um relato.

Referências bibliográficas

ACKERMAN, James S. Números. *In*: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (org.). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Unesp, 1997. p. 91-104.

ALETTI, Jean-Nöel; GILBERT, Maurice; SKA, Jean-Louis; VULPILLIÈRES, Sylvie de. **Vocabulario razonado de la exégesis bíblica**: los términos, las aproximaciones, los autores. Estella: Verbo Divino, 2007.

ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ALTER, Robert. **Em espelho crítico**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ALTER, Robert. **The five books of Moses**: a translation with commentary. New York: W. W. Norton, 2004.

ARTUSO, Vicente. Função judiciária da glória e da nuvem nos conflitos de liderança no deserto. **Atualidade Teológica**, v. 13, n. 33, p. 418-428, 2009.

ARTUSO, Vicente; TEIXEIRA, Rafael Direito. Tabará: a queixa do povo e o fogo da Ira Divina (Números 11,1-3). **Interações**, v. 9, n. 15, p. 181-191, 2014.

ASHLEY, Timothy R. **The Book of Numbers**. Grand Rapids: Wm B. Eerdmans Publishing Co., 1993.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. *In*: BARTHES, Roland; GREIMAS, Algirdas Julius; BREMOND, Claude; ECO, Umberto; GRITTI, Jules; MORIN, Violette; METZ, Christian; TODOROV, Tzvetan; GENETTE, Gérard (org.). **Análise estrutural da narrativa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 19-62.

⁶⁵ STERNBERG, M. The poetics of Biblical narrative, p. 437.

BROWN, Francis; DRIVER, Samuel Rolles; BRIGGS, Charles Augustus. **A Hebrew and English lexicon of the Old Testament**. 6. ed. Oxford: Clarendon, 1951.

BUDD, P Philip J. **Numbers**. Texas: General Editors, 1984.

CANTARELLA, Antônio Geraldo. **Bíblia e linguagem**: contribuições dos estudos literários. São Paulo: Paulinas, 2023.

CATENASSI, Fabrizio Zandonadi. **Análise narrativa da transgressão em Cades (Números 13–14)**: função literária na unidade e na composição do Pentateuco. Curitiba, 2018. 323p. Tese. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

CATENASSI, Fabrizio Zandonadi. Reclamando “de barriga cheia”: o maná e as codornizes em Qibrot-hatta’awah (Nm 11,4-35). **Estudos Bíblicos**, v. 35, n. 137, p. 11–24, 2021.

CATENASSI, Fabrizio Zandonadi; ARTUSO, Vicente. Aportes de crítica textual em Nm 13–14 e Nm 16. **ReBiblica**, v. 4, n. 8, p. 433-460, jul./dez. 2023.

CATENASSI, Fabrizio Zandonadi; ARTUSO, Vicente; ROSSI, Luiz Alexandre Solano. A composição do relato da crise de Cades (Números 13–14) a partir do modelo editorial da Fortschreibung. **Estudios Bíblicos**, v. 80, n. 2, p. 175-202, 2002.

CONDIE, Keith. Narrative features of Numbers 13–14 and their significance for the meaning of the book of Numbers. **The Reformed Theological Review**, v. 60, n. 3, 2001.

FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. **Êxodo 15,22–18,27**. São Paulo: Paulinas, 2011.

FUNK, Robert Walter. **The poetics of biblical narrative**. Sonoma: Polebridge Press, 1988.

KAEFER, José Ademar. **Arqueologia das terras da Bíblia II**. São Paulo: Paulus, 2016.

KEIL, Carl Friedrich; DELITZSCH, Franz. **Biblical commentary on the Old Testament**. Edinburgh: T & T Clark, 1867.

KUENEN, Abraham. **Histoire critique des livres de L’Ancien Testament**. Paris: Michel Lévy Frères, 1866.

LEONEL, João (org.). **Bíblia, Literatura e Recepção**. São Paulo: Editora Mackenzie; Cotia: Ateliê editorial, 2022.

LÓPEZ, Félix Garcia. **O pentateuco**: introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia. São Paulo: Ave Maria, 2004.

MALAMAT, Abraham. The Danite migration and the pan-Israelite Exodus-Conquest: a biblical narrative pattern. **Biblica**, Roma, v. 51, 1970.

MANN, Thomas W. **The book of the Torah**: the narrative integrity of the Pentateuch. Louisville: John Knox, 1988.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. **Para ler as narrativas bíblicas**: iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009.

MILGROM, Jacob. **Numbers**. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1990.

MILGROM, Jacob. The structures of Numbers: chapters 11–12 and 13–14 and their redaction. Preliminary gropings. In: NEUSNER, Jacob; LEVINE, Baruch A.; FRERICHS, Ernest S. (org.). **Judaic perspectives on ancient Israel**. Eugene: Wipf & Stock, 1987. p. 49-62.

OLSON, Dennis T. **Numbers**. Louisville: John Knox, 1996.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

ROSENBERG, Joel. Meanings, morals, and mysteries: literary approaches to Torah. **Response**, v. 9, n. 2, p. 67-94, 1975.

SHERWOOD, Stephen K. **Leviticus, Numbers, Deuteronomy**. Colledgeville: The Liturgical Press, 2002.

SKA, Jean-Louis. **“Nuestros padres nos contaron”**: introducción al análisis de los relatos del Antiguo Testamento. Estella: Verbo Divino, 2012.

SKA, Jean-Louis; SONNET, Jean-Pierre; WÉNIN, André. **Análisis narrativo de relatos del Antiguo Testamento**. Estella: Verbo Divino, 2001.

STERNBERG, Meir. **The poetics of Biblical narrative**: ideological literature and the drama of reading. Bloomington: Indiana University, 1987.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **Poética da Prosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WALTKE, Bruce K.; O’CONNOR, Michael Patrick. **An introduction to Biblical Hebrew Syntax**. Winona Lake: Eisenbrauns, 1990.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n10a05

WELLHAUSEN, Julius. **Die Composition des Hexateuchs und der historischen Bücher des Altes Testaments**. Berlin: Druck und Verlag von Georg Reimer, 1899.

WENHAM, Gordon John. **Números**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.

Fabrizio Zandonadi Catenassi

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Docente da Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Londrina / PR – Brasil.

Email: fabriziocatenassi@gmail.com

Recebido em: 02/10/2024

Aprovado em: 28/10/2024